

**Indisciplina,
conflitos e
bullying na
escola**

Volume 2

– Coleção –

**Desconstruindo a violência na escola:
os meus, os seus, os nossos bagunceiros**

Ana Maria Falcão de Aragão

Luciene Regina Paulino Tognetta

Telma Pileggi Vinha

(coordenadoras)

Conselho Editorial

professora doutora Elaine Prodócimo (Unicamp)

professora doutora Lucia Salete Celich Dani (Universidade Federal de Santa Maria)

professora doutora Aurea Maria Guimarães (Unicamp)

professor doutor Manoel Tostain (Universidade Caen, França)

professor doutor Fernando Andrade (Universidade Federal da Paraíba)

Joe Garcia
Luciene Regina Paulino Tognetta
Telma Pileggi Vinha

**Indisciplina,
conflitos e
bullying na
escola**

Volume 2

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Garcia, Joe

Indisciplina, conflitos e bullying na escola : Volume 2 / Joe Garcia, Luciene Regina Paulino Tognetta, Telma Pileggi Vinha. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2013. – (Coleção desconstruindo a violência na escola : os meus, os seus, os nossos bagunceiros)

Bibliografia

ISBN 978-85-7591-277-5

1. Bullying 2. Comportamento 3. Comportamento agressivo
4. Conflito interpessoal 5. Educação – Finalidades e objetivos
6. Indisciplina 7. Psicologia educacional 8. Valores (Ética) 9. Violência I. Tognetta, Luciene Regina Paulino. II. Vinha, Telma Pileggi. III. Título. IV. Série.

13-08010

CDD-370.15

Índices para catálogo sistemático:

1. Bullying e indisciplina : Prevenção : Educação e psicologia 370.15
2. Violência : Prevenção : Educação e psicologia 370.15

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
Imagem da capa: montagem xerox sobre papel vergé e pastel seco.

*Obra em acordo com as novas
normas da ortografia portuguesa.*

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

agosto/2013

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Para Gabriel, Laura, Nicolas e Sofia

SUMÁRIO

PREFÁCIO.	9
Maria Suzana de Stefano Menin	
Capítulo 1	
A PERSISTENTE INDISCIPLINA NAS ESCOLAS: UM ESTUDO SOBRE SUAS RAZÕES	17
Joe Garcia	
Capítulo 2	
BULLYING NA ESCOLA: O OLHAR DA PSICOLOGIA PARA UM PROBLEMA MORAL	41
Luciene Regina Paulino Tognetta	
Capítulo 3	
OS CONFLITOS INTERPESSOAIS NA ESCOLA	61
Telma Pileggi Vinha	
SOBRE OS AUTORES	91

PREFÁCIO

Este livro, segundo volume da coleção “Desconstruindo a violência na escola: os meus, os seus, os nossos bagunceiros” apresenta três textos voltados a problemas referentes à indisciplina, violência e conflitos na escola.

O primeiro capítulo, de Joe Garcia, sobre *A persistente indisciplina na escola: um estudo sobre suas razões*, discute, como o título indica, como a indisciplina é um fenômeno que perdura por séculos, desde que começou a ser objeto de atenção especial de pedagogos e de investigações, e como pode ser elucidado por diferentes razões. Segundo o autor, essas razões, passam, entre outros temas, pela ausência de visões e práticas compartilhadas sobre disciplina e indisciplina na escola; pela fragilidade da formação inicial e continuada dos professores para lidar com a indisciplina; e pela má qualidade do currículo atual que não consegue manter o engajamento dos estudantes na aprendizagem. Destacamos que Joe Garcia considera indisciplina, compartilhando a visão de Estrela (2002), como a quebra do contrato pedagógi-

co da escola, ou seja, a ruptura, pelos alunos, ou pelos professores, das regras que garantem as condições necessárias para as aprendizagens coletivas e que geram desorganização das relações pedagógicas. Assim, a indisciplina pode ser um sintoma, e não só uma das causas ou um dos fenômenos concomitantes, da má qualidade do ensino.

O segundo capítulo, de Luciene Regina Paulino Tognetta, versa sobre *Bullying na escola: o olhar da Psicologia para um problema moral*. A autora inicia seu texto discutindo questões sobre o duvidoso aumento da violência na escola e a baixa credibilidade da escola como instituição de ensino. Posteriormente, Luciene discorre sobre o bullying como uma forma de violência que deve ser entendida e enfrentada como um problema da falta de conhecimento e de construção moral, tanto nos alunos, como nos demais agentes escolares. As evidências do bullying como fenômeno moral podem ser vistas na inversão da hierarquia de valores do autor de vitimização que mostra valores individualistas de valentia e poder como melhores que humildade, justiça ou tolerância ao diferente ou ainda na falta de sensibilidade moral ao sofrimento do alvo. Outra evidência pode ser notada na ausência de indignação do público que observa os atos frequentes de bullying sem reagir; e, pior que isso, na ausência de reação dos professores que consideram sempre como mais graves as violências dos alunos para com autoridades que aquelas entre pares, ou que não notam os conflitos entre pares como problemas de sua esfera de atuação. Luciene Tognetta propõe soluções; e elas passam pela assunção da educação moral, ou da sensibilidade moral na escola.

O terceiro capítulo, de Telma Vinha, trata dos *Conflitos interpessoais na escola*. Vinha nos mostra como a convivência escolar tem sido marcada pela frequente ocorrência de conflitos entre jovens que, mal compreendidos, são evitados, contidos, ou ignorados pelos professores ou demais agentes escolares. A autora demonstra que tanto os jovens, como os professores, são extremamente mal preparados para lidarem com conflitos fazendo recurso apenas, de formas de resolução agressivas ou submissas. Essas formas são apontadas pela autora como extremamente ineficazes e, no seu lugar são apresentadas formas construtivistas de resolução de conflito. Nessas últimas, o conflito é entendido como um desequilíbrio, que, como no desequilíbrio cognitivo, provoca modificações no organismo e busca de novas respostas. Para solucionar um desequilíbrio, ou um conflito, é preciso trocar com os demais; conhecer novas perspectivas, trocar pontos de vista, conhecer e expressar sentimentos, e desejos, para, então, buscar novas soluções. Por isso, conflitos são oportunidades e não problemas a evitar. Telma, explica espaços formais de resolução de conflito, como assembleias e círculos restaurativos que, por suas estrutura e dinâmica e pela formação que exigem de seus participantes para que possam acontecer, são muito eficazes em provocar relações respeitadas e cooperativas de resolução de conflitos; numa expressão: relações morais.

Do meu ponto de vista, os três textos passam por um grave problema que se apresenta de forma contundente nas escolas brasileiras há décadas: a insuficiente formação de professores de educação básica para lidar com as exigências colocadas hoje pela educação.

Joe Garcia escreve sobre a falta de preparo dos professores para lidar com as indisciplinas, que decorre tanto da complexidade deste problema, quanto das diferentes e contraditórias representações que aqueles têm sobre este fenômeno. Os professores não têm nada que os forme sobre isso, nem nos cursos de formação inicial, nem nos de formação continuada; nada que os una numa forma conjunta de entendimento ou de atuação, mesmo numa mesma escola. Não há um projeto político pedagógico que se proponha a tomar como objeto de investigação ou de estudo a indisciplina de seus alunos para, então, propor estratégias de atuação de seu corpo docente.

Poderíamos acrescentar que não é só sobre a indisciplina que os professores não compartilham representações mais profissionais ou formas de atuação. Barros e Mazzotti (2009) mostram em sua pesquisa como os professores são, ou sentem-se, isolados em seu trabalho, não tendo pessoas que considerem como mais preparadas cientificamente, como lideranças, a procurar. É como se os professores não fossem um grupo profissional, aliás não fossem nem um grupo. Não se pode ignorar que as condições salariais e de trabalho – que fazem com que um professor faça jornadas de 44 horas semanais, frequentando dois períodos, muitas vezes em escolas diferentes e, frequentemente, mudando de escolas anualmente – contribuem grandemente para essa condição de não grupo. Por outro lado, há algumas representações não profissionais, mas sociais, ou seja, ao nível do senso comum, que são bastante comuns entre professores, porque são comuns na cultura brasileira; por exemplo, a ideia de que os alunos são indisciplinares porque a família não lhes deu educação. É a mesma

razão é apontada para várias outras mazelas e dificuldades escolares, inclusive sobre a ausência da educação ou formação moral. Isso nos remete ao capítulo de Luciene Tognetta.

No capítulo de Tognetta sobre Bullying, fica evidente a ausência de formação de professores para o reconhecimento desse fenômeno como um problema sério de violência entre pares e como um problema moral. E essas duas coisas andam muito juntas. Dar valor, segundo Vazquez (1993), é atribuir a um objeto (seja ele concreto, abstrato, real ou imaginário) uma qualidade que passa a existir graças à relação que os sujeitos têm com esse objeto num meio social. Assim, não ver gravidade no Bullying, é não vê-lo como importante; o que revela a ausência de relação dos professores com os alunos nesse âmbito das relações sociais violentas, como se esse problema não fosse deles. E, se o problema não é visto, não precisa ser resolvido. Tognetta ainda explica: se as violências entre alunos são vistas como ações desrespeitosas, ainda sobra uma questão – de quem é a responsabilidade de ensinar a ser respeitoso, cooperativo, tolerante com o diferente, humilde, generoso, harmonioso nas relações sociais?

Temos visto em pesquisas na escola (Martins e Silva, 2009; Menin e Zechi, 2010) o quanto os professores atribuem às famílias a responsabilidade de educação moral de seus alunos. Se atualmente dizem que a escola deve assumir essa função é porque apontam que estamos num momento de crise de valores e de falência da família em exercer seus papéis educativos. Ora, temos argumentado, que mesmo que reconheçamos essa crise de valores juntamente com vários pensadores (La Taille e Menin, 2009) não

concordamos que não seja função da escola, e mesmo, inerente ao ato de ensinar, trabalhar, também, não só conteúdos pedagógicos, mas morais. Mas, como Telma Vinha e Luciene Tognetta discutem em seus textos, a formação moral, ou sociomoral, requer outras formas de ensino, de conteúdos, de aprendizagens. Piaget (1998) já apontava isso em seus textos dos anos de 1930. Não se pode ter como fim da educação a autonomia se os métodos não forem, eles próprios, a vivência da autonomia. Dessa forma, os autores deste livro terminam seus textos esclarecendo aos leitores os caminhos para uma educação na escola que vise relações respeitadas; que considere a violência um contra valor que deve ser seriamente considerado, mas substituído por outras formas de relação e de reação mais construtivas; uma educação que considere outras formas de resolução de conflitos que sejam assertivas e que preservem a dignidade dos envolvidos; uma educação moral para a construção de alunos inteiramente humanos.

Maria Suzana de Stefano Menin

Referências

- BARROS, Carmen Lúcia Souza e MAZZOTTI, Tarso Bonilha (2009). "Profissão docente: uma instituição psicossocial." *Educação e Pesquisa*, vol. 35, n.º 1, São Paulo, pp. 165-176.
- ESTRELA, M. T. (2002). *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. 4ª ed. Porto: Porto.

- LA TAILLE, Y. e MENIN, M. S. S. (orgs.). (2009). *Crise de valores ou valores em crise?* Porto Alegre: Artmed, pp. 185-198.
- MARTINS, R. A. e SILVA, I. A. (2009). "Valores morais do ponto de vista de professores do ensino fundamental e médio", in: LA TAILLE, Y. e MENIN, M. S. S. (orgs.) *Crise de valores ou valores em crise?* Porto Alegre: Artmed, pp. 185-198.
- MENIN, M. S. S. e ZECHI, J. A. M. (2010). "La educación moral en escuelas públicas brasileñas: concepciones y prácticas." *Postconvencionales*, vol. 2, Caracas, pp. 4-20.
- PIAGET, J. (1998). "Os procedimentos da Educação Moral", in: PARRAT-DAYAN, S. e TRYPHON, A. (orgs.) *Jean Piaget. Sobre a pedagogia*. Textos inéditos. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 26-58.
- VAZQUEZ, A. S. (1993). *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.